

# CAPÍTULO 5

## A EXOTOPIA E A AUTOETNOGRAFIA COMO RECURSOS PARA DESENVOLVER A REESCRITA NA SALA DE AULA

**Silviene Florentino**

Mestrado em Letras (PROFLETRAS da FFP/UERJ)

E-mail [silvienef@gmail.com](mailto:silvienef@gmail.com)

**Victoria Wilson**

Doutorado em Letras (PUC-RJ)



**RESUMO:**

O texto estrutura-se como um relato de experiência acerca das implicações da pesquisa autoetnográfica, associada ao conceito de exotopia proposto por Bakhtin (2010) em dissertação de mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS). A pesquisa envolveu a atividade de revisão e reescrita em sala de aula, com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II, com o intuito de trabalhar a produção de textos como experiência subjetiva e dialógica com a língua(gem). A autoetnografia e a exotopia, interligadas pelo conceito dialógico na perspectiva bakhtiniana, tornaram-se métodos e procedimentos fundamentais para o desenvolvimento das atividades didáticas em que os papéis de professora e pesquisadora fundiam-se na busca da resolução de problemas junto aos alunos participantes dessa experiência.

**Palavras-chave:** Dialogismo. Exotopia. Autoetnografia

**ABSTRACT:**

The text is structured as an experience report regarding the implications of autoethnographic research, associated with the concept of exotopy proposed by Bakhtin (2010) in a professional master's dissertation in Portuguese Language (PROFLETRAS). The research involved the review and rewriting activity in the classroom, with students from the 7th year of Elementary School II, with the objective of working on the production of texts as a subjective and dialogic experience with the idiom and language. Autoethnography and exotopy, linked by the dialogical concept in the Bakhtinian perspective, became fundamental methods and procedures for the development of didactic activities in which the roles of teacher and researcher merged in the quest for problem solving with the students participating in this experience.

**Keywords:** Dialogism. Exotopy. Autoethnography

## INTRODUÇÃO

Ler e escrever são duas habilidades bastante valorizadas pela escola e pela sociedade em geral, principalmente quando o assunto é inserção social. Conforme orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 2000), o trabalho com o texto/ gêneros discursivos, em sala de aula, deve ter como finalidade formar leitores e “escritores” competentes capazes de produzir textos planejados, coerentes, coesos e eficazes, sendo capazes, também, de desenvolver sua capacidade crítica mediante o processo de criação.

Segundo os PCN, o ensino de Língua Portuguesa deve estar integrado à leitura e à produção textual, uma vez que a análise linguística deve envolver as atividades epilinguísticas e metalinguísticas de tal modo que a gramática seja ensinada de forma contextualizada com ênfase nos usos da língua em diversas situações comunicativas. Dessa forma, a análise e a reflexão sobre a língua desdobram-se em usos orais e escritos, em diversos registros e situações, considerando os conhecimentos prévios dos alunos, os conhecimentos e as experiências do cotidiano, os conhecimentos escolar e científico aliados à complexidade dos conteúdos e o seu aprofundamento em função das possibilidades de compreensão dos alunos (cf. PCN, 2000, p. 45).

No que toca à produção escrita, especificamente, à revisão e à reescrita, foco do estudo, os PCN-LP3 afirmam que:

Um dos aspectos fundamentais da prática de análise linguística é a refacção dos textos produzidos pelos alunos. Tomando como ponto de partida o texto produzido pelo aluno, o professor pode trabalhar tanto os aspectos relacionados às características estruturais dos diversos tipos textuais como também os aspectos gramaticais que possam instrumentalizar o aluno no domínio da modalidade escrita da língua (BRASIL, 1998, p. 80).

No trabalho desenvolvido com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II, em uma escola pública, localizada no município de Macaé, RJ, um dos objetivos estava centrado na realização de atividades de revisão e reescrita a fim de que os alunos conseguissem resolver problemas de ordem linguística e textual em suas produções escritas. No entanto, não é novidade que não são nem as regras nem as normas gramaticais e ortográficas por si só que contribuem para o aprimoramento da linguagem. Ler e escrever textos são práticas sociais como apontam os estudos dos letramentos, o que implica envolver o aluno não só com a materialidade linguística do texto, mas também compreendê-lo como uso social em comunhão com o ambiente social mais amplo de suas relações e do universo de seus conhecimentos. Formar escritores competentes, como postulam os PCN (2000), implica a aprendizagem de possibilidades discursivas para a escolha dos gêneros mais adequados à circunstância enunciativa; ao propósito enunciativo e ao destinatário. Escritores competentes precisam aprender a planejar seus textos, a encontrar coerência, a saber expressar seus sentimentos e suas opiniões, a fundamentá-las quando for o caso, enfim, um escritor competente precisa aprender “a revisá-lo e reescrevê-lo até considerá-lo satisfatório para o momento” (PCN, 2000, p. 66.) Então, o que fazer? A resposta veio a partir de muitas práticas de desconstrução e reconstrução da professora/ pesquisadora em suas práticas de letramento, na escrita do texto dissertativo e nas atividades em sala de aula com os alunos, pois

A pesquisa autoetnográfica tal como desenvolvida na dissertação é discutida em uma publicação no Cadernos CESPUC de Pesquisa, Série Ensaio (2021). Neste artigo, a autora discute o processo de produção escrita acadêmica no âmbito dos estudos dos letramentos com base nos conceitos bakhtinianos de cronotopo e exotopia, com vistas a contribuir para um modo de ler o outro com empatia e acolhimento (WILSON, 2021). Segundo ainda a autora sobre a pesquisa desenvolvida por FLORENTINO, Silviene, no âmbito do Mes-

trado Profissional em Letras (PROFLETRAS-UERJ São Gonçalo), a professora-pesquisadora visa à busca de solução de problemas relativos às atividades propostas com os alunos, a professora ativava, em processo dialógico, os conhecimentos e as experiências anteriores às “novas” práticas de letramentos acadêmicos (Wilson, 2021).

Dessa forma, o trabalho com produção textual realizado trará à vista, através deste relato de experiência, aspectos relevantes em relação à construção de um espaço dialógico dentro e fora da sala de aula a fim de fomentar a revisão e a reescrita dos textos dos alunos a partir da produção de sentidos através, inclusive, das análises linguísticas desses textos.

O caráter autoetnográfico da pesquisa contribuiu para um olhar mais autêntico para as atividades realizadas durante o processo e, conseqüentemente, maior coerência com os objetivos pretendidos por todos que se dispuseram a trabalhar com produção textual nesse processo de intervenção. Através da pesquisa, foi possível analisar, flexibilizar e alterar a qualquer momento a prática pedagógica, o que motivava constantemente os alunos e a professora, já que essa dinâmica nutria o tempo e o espaço escolar, trazendo como retorno um envolvimento dos alunos com a aprendizagem integrada à perspectiva da alteridade com base no dialogismo<sup>1</sup> de Bakhtin (2010).

O excedente de visão<sup>2</sup>, chamado nesse relato de exotopia<sup>3</sup>, foi o responsável por possibilitar um novo olhar para as atividades de escrita e reescrita dos alunos e, por conseguinte, um dos fatores responsáveis por toda mudança ocorrida na prática pedagógica. A exotopia orientou tanto o olhar da professora quanto o olhar dos alunos durante todo o processo de produção textual (oral e escrito) realizado dentro e fora da sala de aula. Esse acontecimento fez toda a diferença no que diz respeito ao comportamento que seria adotado pela professora, em relação à revisão e à correção das produções textuais dos alunos.

## A AUTOETNOGRAFIA E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE REESCRITA

Este relato de experiência é parte essencial do já mencionado trabalho de dissertação de mestrado cujo objetivo é descrever os aspectos vivenciados durante a pesquisa sobre a reescrita na sala de aula. Essa ferramenta da pesquisa descritiva tem a finalidade de apresentar uma reflexão acerca de uma ação ou de um conjunto de ações desenvolvidas em uma situação vivenciada no ambiente profissional. Aqui, no caso, descreverá as transformações importantes ocorridas com a professora-pesquisadora, com os alunos e, por consequência, com o planejamento das atividades durante o processo.

Sob a luz metodológica da pesquisa (auto)etnográfica, todos os sujeitos participantes puderam experimentar a oportunidade de mudar, fazer, desfazer e refazer – num processo dialógico – suas práticas já tão arraigadas no ambiente escolar; pois, nesse tipo de pesquisa, “a concepção de pesquisador observador cede lugar ao conceito de pesquisador como membro integrante do grupo pesquisado, aceitando sua interferência subjetiva e desvelando o estudo como uma coconstrução discursiva (ELLIS; BOCHNER, 2000; ELLIS; ADAMS, 2014 *apud* MAGALHÃES, 2018, p. 28).

Apesar disso, a pesquisa autoetnográfica não foi a primeira opção metodológica. A escolha ocorreu somente quando foi possível entender que, para auxiliar o aluno a compreender a escrita como um processo inacabado – o qual necessita passar por mais de uma versão –, antes de tudo era necessário reformular a própria prática pedagógica; mudar o olhar em relação ao processo de reescrita, considerando também a oportunidade de acatar o protagonismo do aluno-autor. Dessa forma, a pesquisa autoetnográfica foi decisiva para aceitar e, inclusive, lidar com as modificações constantes e significativas, ao longo do trabalho, para atender às

demandas decorrentes do processo de ensino e de aprendizagem do trabalho de produção de texto, revisão e reescrita.

## ETNOGRAFIA E AUTOETNOGRAFIA

A pesquisa etnográfica, segundo Gil (2017, p. 36), “[...] tem como propósito o estudo das pessoas em seu próprio ambiente mediante a utilização da observação participante”. E, ainda, de acordo com André (2013, p. 41), caracteriza-se, fundamentalmente, por considerar imprescindível o contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permitindo, portanto, uma aproximação maior com o ambiente pesquisado, no caso a sala de aula, a fim de buscar entender como funcionam, ao mesmo tempo, no seu dia a dia, os mecanismos de opressão, resistência, como também conhecimentos, valores e modo de ver e sentir a realidade e o mundo. Para André, é como colocar uma lente de aumento nessas relações de interação.

Outro fator relevante da pesquisa etnográfica, de acordo com Erickson (1993 (1993 *apud* André, 2001, p. 117) é que “a descrição etnográfica é marcada pelos traços distintivos do pesquisador – idade, sexo, cor, classe social, instrução. Não é, portanto, isenta de valor”. Sendo assim, as considerações e direcionamentos do trabalho serão influenciados diretamente pelo olhar do pesquisador.

As características específicas da pesquisa etnográfica, definidas por *Gerhardt* (2009, p.41), escolhidas para a pesquisa, foram: o uso da observação participante; a interação entre pesquisador e objeto pesquisado; a flexibilidade para modificar os rumos da pesquisa; a ênfase no processo e não nos resultados.

Cabe destacar, no entanto, que a autoetnografia assumiu um caráter predominante na pesquisa. Desse modo, na condição de

pesquisadora e integrante do grupo pesquisado, o objetivo era o de construir uma relação dialógica com os alunos através das vivências compartilhadas colocando em prática o dialogismo como experiência de interação, mas, sobretudo, como abertura às múltiplas vozes presentes, implícita e explicitamente, nos textos, em suas revisões e reescritas, costuradas e recosturadas neste processo.

Desse modo, na condição de pesquisadora e integrante do grupo pesquisado, o objetivo era o de construir uma relação dialógica com os alunos através das vivências compartilhadas colocando em prática o dialogismo como experiência de interação, mas, sobretudo, como abertura às múltiplas vozes presentes, implícita e explicitamente, nos textos, em suas revisões e reescritas, costuradas e recosturadas neste processo.

As metamorfoses sentidas, vividas e experimentadas na dinâmica do trabalho em sala de aula foram assumidas de forma consciente e crítica graças ao modo como a pesquisa autoetnográfica foi incorporada neste processo, alterando comportamentos já estabilizados por outros mais flexíveis, abertos a novos conhecimentos e linguagens e aos movimentos dos alunos. Poder repensar a prática e permitir aceitar a necessidade de acrescentar novas teorias, novas leituras sobre o ensino de produção textual foi de grande contribuição para os alunos e para a professora em seu fazer, que passaram, praticamente juntos, a entender a (re)escrita como uma prática social, participativa e prazerosa. Conforme afirma Wilson (2021, p. 196):

[...] é possível observar o quanto a pesquisadora incorporou a autoetnografia como um método capaz de guiá-la com segurança, dando-lhe a confiança necessária para assumir as limitações, as idas e vindas, os riscos que caracterizam o educar, o ensinar, como ato de (auto)escuta permanente que lhe permitiram avançar e abrir-se para múltiplos olhares, perspectivas diversas que também encontrou em seus alunos.



## O CONCEITO DE REESCRITA NESSE TRABALHO

É de suma importância registrar nesse relato que se entende por reescrita, na pesquisa realizada, as diversas versões pelas quais os textos dos alunos (a escrita) passaram, partindo de um processo de reflexão, revisão e reescritura do próprio texto, através de uma proposta dialógica. Para isso, as concepções de escrita definidas para orientar a pesquisa e as atividades didáticas e o trabalho pedagógico durante o processo de estudo basearam-se em Geraldi (2009), Fiad e Mayrink-Sabinson (1994) e Sercundes (2011) que compreendem a escrita como trabalho e não como dom ou inspiração: “Esses estudos reforçam as representações da escrita como trabalho que se conduz no tempo e também rejeitam qualquer sustentação às ideologias da inspiração e do dom” (FIAD, 2013, p. 466)

Adotar a concepção de escrita como prática social, interacional e dialógica foi uma forma de conduzir as atividades com um novo olhar, estimulando atitudes mais participativas dos alunos em seu trabalho com a (re)escrita; não privilegiando apenas aqueles que já possuíam certo domínio na produção textual, mas também aqueles cujas dificuldades eram mais agudas. Além disso, abria-se a oportunidade para estimular uma experiência subjetiva com a língua e seus usos de forma que cada um pudesse se sentir e se “fazer” autor de seu texto, assumindo a responsabilidade desta autoria (“responsividade” como em Bakhtin, 2003) em que o papel do professor como mediador tornava-se especialmente importante. Segundo os PCN:

É importante que as atividades de produção de textos escritos se organizem, portanto, de forma que seja possível para os alunos a apropriação progressiva dos diferentes procedimentos necessários ao ato de escrever e a experimentação dos diferentes papéis envolvidos. Coordenar esses papéis também é uma tarefa especialmente difícil, que supõe um exercício constante e contínuo, e não esporádico.[...] (PCN, 2000, p. 106).

Nesse processo não foram dispensadas as revisões do professor, muito menos as correções com base na análise linguística. No entanto, essas revisões e correções eram somente mais uma etapa dessa nova postura pedagógica assumida aos poucos durante a pesquisa. No início do trabalho sobre e com a reescrita, o destaque recaía sobre o produto; isto é, priorizava-se o texto final do aluno, sem dar importância ao processo. E qual a relevância de se priorizar o processo? Significa que tão importante quanto a entrega de um texto considerado satisfatório do ponto de vista gramatical e linguístico, são os processos de mudança pelos quais passam o professor, o aluno e o texto. Trabalhar com produção textual é ter a percepção do inacabado quando se leva em consideração o dialogismo. Portanto, reescrever não é uma mera higienização do texto. Reescrever é refletir sobre a própria escrita através de interferências internas e/ou externas tais como um texto, uma conversa informal, uma pesquisa, o próprio sujeito-autor e, assim, essa atitude coaduna-se àquela concepção já referida de (re)escrita como trabalho e prática social.

## O EXCEDENTE DE VISÃO E A CONTRIBUIÇÃO PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA - O ESPAÇO DIALÓGICO

Ao iniciar as atividades de produção textual com os alunos, a busca de novas respostas ainda era “embalada” por velhas perguntas. Isto é, as propostas didáticas e as ações pedagógicas “descansavam” em uma zona de conforto, previamente controlada e conhecida, porém já começando a conflitar com os novos conhecimentos incorporados com a pesquisa acadêmica. Esse fato gerava também uma certa inquietação em relação ao modo de ensinar produção textual, revisão e reescrita aos alunos.

E exatamente, neste momento, é que se tornou perceptível o exercício do “excedente de visão”, isto é, o lugar exterior de onde, no

caso, o pesquisador/professor, pode olhar o outro para atribuir-lhe um sentido. É o que Bakhtin chama de “exotopia”. e o que Amorim (2007, p. 14) define como “um desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior”. Exotopia também se integra ao tempo, cronotopia para Bakhtin: somente após pôr em questionamento a prática pedagógica que os deslocamentos de papéis entre professora-pesquisadora e pesquisadora-professora puderam ser observados e sentidos. Esse deslocamento proporcionava novas visões sobre o trabalho pedagógico, sobre os alunos também: diferentes visões da mesma situação. Então, conseqüentemente, outras formas de agir eram exigidas em relação à produção escrita dos alunos e à postura diante do que “fazer” com os textos recebidos.

Por essa razão, destaca-se a importância de facultar também ao aluno a possibilidade de viver o deslocamento tempo e espaço como autor de seu texto, já que, ao ter contato novamente com o próprio texto após alguns dias de afastamento, o aluno também se modificava em decorrência das várias interferências sofridas nesse período de distanciamento. E, ao retornar ao texto, retomá-lo para reescrevê-lo, sentia a necessidade da reformulação, da mudança ou do acréscimo de ideias. Estava, então, constituindo-se a dimensão dialógica da linguagem.

Considerando as etapas de produção textual em três momentos - o primeiro correspondia a uma “chuva de ideias” a partir do conhecimento pessoal do aluno; o segundo acumulava novos conhecimentos (leituras diversas sobre o tema, discussões em sala de aula e interferência do professor), ocorrendo em momentos distintos conforme as demandas do planejamento e da orientação autoetnográfica; e o terceiro culminava com a tarefa de revisão e o processo de análise linguística, numa dinâmica de troca de texto entre os alunos ou entre alunos e professora, o excedente de visão também tornava-se um componente, ou melhor, um guia, para o trabalho do aluno.

Então, negar um reencontro do aluno com o seu texto seria negar um processo dialógico muito importante nas construções humanas e, conseqüentemente, nas relações sociais. O distanciamento do aluno com o seu texto torna esse reencontro especial, pois o aluno retorna mais afetado por outros estímulos que causarão possíveis mudanças ou acréscimos no seu texto original. A discussão com outros colegas de turma, as diversas leituras sobre o tema escolhido para sua redação, as ações da professora, dentre outras situações de dialogismo, contribuíram muito para que os sujeitos-autores tivessem mais consciência de seu trabalho com a (re)escrita: não só tivessem cada vez mais o que dizer, mas em como dizer.

E, ao perceberem a natureza desse trabalho, a compreensão da escrita como uma das práticas sociais da vida (escolar), os alunos sentem-se estimulados e compreendem que escrevem para serem lidos e não “corrigidos” e, assim, são impelidos ao desejo de agirem da melhor forma possível na busca pelo conhecimento. Forma-se uma consciência “escritora” e autoral, e o papel da revisão e da reescrita torna-se não apenas uma consequência da escrita, mas um direito que pode e deve ser desfrutado na escola assim como o é pelos escritores, jornalistas e outros profissionais que lidam com a escrita. Diz Florentino:

Sendo assim, a metodologia usada nesta pesquisa foi de grande contribuição para que meus alunos e eu pudéssemos experienciar uma nova relação com a linguagem e, sobretudo, uma nova relação com a situação de produção textual escrita que passou pela interlocução e pela compreensão responsiva, desencadeando no sujeito-autor uma atitude espontânea e consciente neste movimento contínuo de escrita e reescrita (FLORENTINO, 2020, p.126).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O excedente de visão é uma perspectiva que pode contribuir para que professores e estudantes, ao ocuparem, no tempo e no espaço, outras posições, possam vislumbrar também outras formas de ver o mundo, as quais podem promover aprendizagens e práticas diversas, no compartilhamento de saberes e experiências.

Na integração dos papéis de professora e pesquisadora, mudanças de perspectivas se fizeram notar, e assim tornou-se possível, pela prática autoetnográfica associada ao excedente de visão, vislumbrar erros, acertos, novas práticas de letramentos até então encobertas pelas práticas antigas.

O afastamento das práticas anteriores tornou viável contemplar o que acontecia na sala de aula através de ângulos diferentes: a professora via-se com a lente da pesquisadora e vice-versa, cada uma espectadora de si mesma como se estivesse em um lugar “fora”, externo. O desdobramento de olhares a partir desse lugar exterior, retomando Amorim já citada, revelou-se como uma possibilidade de objetivação, na constituição de atos responsáveis. Dessa forma, todo o trabalho foi iluminado por essas lentes externas que culminaram na ressignificação da (re)escrita.

Reescrever passou a ser mais que uma reprodução do mesmo texto, pois o processo criativo e as revisões davam origem a outros textos a partir do texto original, contribuindo para uma aprendizagem contínua, e não esporádica, que se verificaria nos textos subsequentes.

Sendo assim, compreendendo que a reescrita pode se manifestar de outras maneiras, como, por exemplo, desdobrando-se em outros textos diferentes do inaugural (escritos ou orais), carregando, gradativamente para os novos textos, conhecimentos e aprendizagens “anteriores”, pode-se, então, com esta pesquisa e

este trabalho, ampliar a concepção de reescrita. Reescrita constitui-se como as diversas formas de dizer: uma reescrita em permanente movimento.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Dialogismo: Na concepção dialógica bakhtiniana, o outro nos constitui. São os outros que compõem os arquivos de nossas experiências e conhecimentos – dos distintos círculos sociais e das diferentes esferas da vida. E são os outros que também nos leem; os destinatários de nossos discursos e valores: eu leio o outro que também me lê.
- <sup>2</sup> Excedente de visão: “Mas para que esse broto efetivamente desabroche na flor da forma concludente, urge que o excedente da minha visão complete o horizonte do outro indivíduo contemplado sem perder a originalidade deste. Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento.
- <sup>3</sup> Exotopia: A tradução da expressão em russo para o francês *exotopie* foi proposta por Todorov naquela que foi a primeira obra a sistematizar, para a Europa Ocidental, o pensamento de Bakhtin. [...] ... a expressão forjada por Todorov é bastante feliz, pois sintetiza o sentido que se produz na obra de Bakhtin e que é o de se situar em um *lugar exterior*.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 95-114.
- \_\_\_\_\_. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, M.T., SOUZA, S.J., KRAMER, S. (ORGS.). **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 11-25.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 6. ed. São Paulo: Ed. Papirus, 2001, 128p.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010, 476p.
- BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. In: **Teoria do romance I. A estilística**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FIAD, R.S. **Escrever é reescrever: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFGM, 2006. 62p.
- \_\_\_\_\_. Reescrita, dialogismo e etnografia. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 13, n. 3, p. 463-480, set./dez. 2013.
- GERALDI, J.W. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 252p.
- \_\_\_\_\_. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. 152p.
- \_\_\_\_\_. (Org.); MILTON, J. de A. [et al.]. **O texto na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011. 136 p. 2018. 3ª impressão.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica –

Planejamento e gestão para o desenvolvimento rural da SEAD/ UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

PCN. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SANTOS, L. W.; RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. S. **Análise e produção de textos**. Contexto (Editora Pinsky Ltda.). 2011.

FLORENTINO, Silviene. **A reescrita na sala de aula e o diálogo na construção do sujeito-autor**. Silviene Florentino. 2020. 150f.: il.

TURKIEWICZ, R. de O. S.; COSTA-HÜBES, T. da C. Produção, correção e reescrita textual: resultados de uma pesquisa-ação-crítico-colaborativa. **Letras & Letras**, p. 81-107. Vol. 33, n.2, jul./dez. 2017.

WILSON, V. (COELHO, Victoria Wilson da Costa). Escrita acadêmica: análise de uma pesquisa autoetnográfica desenvolvida no programa nacional de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). In: **Cadernos CESPUC de Pesquisa**. Série Ensaios. n.39, 2º Sem./2021, p. 185-201. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/27388/19266>.